

IV Congresso Internacional de Gerontologia e Geriatria

“Envelhecimento Ativo, Saudável e Positivo”

Teleassistência: um estudo exploratório no distrito de Bragança

Rosa Novo & Ana Prada

Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Educação (ESEB)

rnovo@ipb.pt | raquelprada@ipb.pt

Resumo: Visando uma maior compreensão da realidade da teleassistência no distrito de Bragança, região do país com um elevado índice de envelhecimento, desenvolveu-se o presente estudo. Neste sentido, procura-se identificar as características sociodemográficas dos idosos que usam a teleassistência numa empresa privada e impulsionar o desenvolvimento de novas investigações que contribuam para um melhor conhecimento das necessidades dos séniores que usufruem da teleassistência de primeira geração no domicílio.

Palavras-Chave: Telassistência. Idoso. Domicílio. Tecnologia.

Enquadramento

É consensual na literatura o benefício da manutenção do idoso no seu domicílio, enquanto tal seja possível (Aceros et al., 2013; Giraldo-Rodríguez et al., 2013; Paúl, 2005). Em Portugal ainda que o serviço de apoio domiciliário tenha apresentado a maior taxa de crescimento (Carta Social, 2011) a teleassistência é ainda pouco utilizada e divulgada. É no quadro desta preocupação que o nosso estudo se posiciona.

Objetivos

Pretende-se com este estudo exploratório:

- Identificar as características sociodemográficas dos idosos que usam a teleassistência numa empresa privada do distrito de Bragança;
- Possibilitar reflexões sobre a realidade do uso da teleassistência no idoso.

Método

Participantes

Neste estudo foram definidos os seguintes critérios de inclusão dos participantes: ter 60 ou mais anos de idade, não apresentar deterioração cognitiva, não estar institucionalizado e utilizar a teleassistência. Assim, de um total de 100 utilizadores de um serviço privado no distrito de Bragança¹, na amostra de conveniência, participaram 87 utilizadores, com um predomínio do género feminino (89.66%). Em relação às mulheres a média etária é de 82.78 anos e nos homens de 82.32 anos. Quanto à escolaridade a maioria possui 4 ou mais anos (55.20%), seguidos pelos séniores sem escolaridade (27.60%) e aqueles com 3 ou menos anos (17.20%). Relativamente ao estado civil, a maioria dos idosos é viúvo (78.20%). De salientar ainda que 88.50% residem sozinhos e 11.50% co-residem com familiares.

Instrumento e procedimento de recolha de dados

Dada a inexistência, no contexto português, de um instrumento que nos permitisse compreender a realidade da teleassistência percebida pelo idoso construiu-se um questionário fechado constituído por duas partes: A) dados sociodemográficos; B) serviço de teleassistência composto por 18 itens agrupados em três categorias: a) adesão e decisão quanto ao uso da teleassistência, b) percepção de benefícios e c) utilização do aparelho de teleassistência. Tendo em conta o público alvo e a sua aplicação por via telefone foi fundamental atender à clareza da linguagem e às opções de resposta na escala (sim, não e não responde). A recolha de dados, após obtenção do consentimento informado, efetuou-se entre os meses de maio e julho de 2014.

Procedimento de análise de dados

Os dados foram recolhidos e analisados através do *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 20.0. Para avaliação da significância estatística da associação entre as variáveis sociodemográficas e as categorias previamente definidas no questionário utilizou-se o Teste Qui-Quadrado, considerando-se $p < 0.05$.

Apresentação e análise dos resultados

Na categoria *adesão e decisão quanto ao uso da teleassistência* (quadro 1) é notório que a principal fonte de informação sobre este recurso é a família (71.26%) e, em menor percentagem, advém de outros utilizadores (28.74%). De igual forma é a família quem toma a decisão quanto à sua adesão (63.22%). Acresce referir a existência de diferenças significativas na deliberação em função do estado civil [$\chi^2_{(2)} = 6.161, p = 0.037$]. Quando viúvos a decisão é maioritariamente tomada pela família, enquanto nos solteiros/divorciados e nos casados/em união de facto recai essencialmente no próprio sénior.

¹ Trata-se de um serviço ligado ao telefone e com um equipamento portátil (pulseira ou colar) que o idoso transporta consigo, podendo desta forma através do pressionar de um botão, efetuar uma chamada de socorro. O serviço responde a chamadas de emergência e de apoio através dos assistentes do contact center.

Bibliografia

Aceros, J., Callén, B., Calvacante, M.T., & Doménech, M. (2013). Participação e Idosos: A Construção de um Quadro Ético para a Teleassistência em Espanha. In M.I. Carvalho (Coord), *Serviço Social no envelhecimento* (p. 265-279). Lisboa: Pactor.
Camargos, M.C.S., Rodrigues, R.N., & Machado, C.J. (2011). Idoso, família e domicílio: uma revisão narrativa sobre decisão de morar sozinho. *R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro*, 28 (1), 217-230.
Carta Social. (2011). *Carta Social. Rede de Serviço e Equipamentos 2011*. Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento, Ministério de Solidariedade e da Segurança Social.
Giraldo-Rodríguez, L., Torres-Castro, S., Martínez-Ramírez, D., Gutiérrez-Robledo, L.M., & Pérez-Cuevas, R. (2013). Tele-asistencia y tele-alarma para adultos mayores: experiencias preliminares en México. *Rev Saúde Pública*, 47 (4), 711-717, DOI: 10.1590/S0034-8910.2013047004574.
Paúl, C. (2005). Envelhecimento e ambiente. In L. Soczka (Org), *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental* (p. 247-268). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Quadro 1.
Resumo das respostas percentuais significativas nas diferentes subcategorias.

Categorias	Subcategorias	n(%)
Adesão e decisão quanto ao uso da teleassistência	Fonte de informação	Família 62 (71.26%) Outros utilizadores 25 (28.74%)
	Tomada de decisão	O próprio 31 (35.63%) A família 55 (63.22%) Não responde 1 (1.15%)
Perceção de benefícios da teleassistência	Segurança/Tranquilidade ao idoso	Sim 86 (98.85%) Não 1 (1.15%) Não responde 0
	Companhia ao idoso	Sim 84 (96.55%) Não 3 (3.45%) Não responde 0
	Diálogo com o técnico	Sim 57 (65.52%) Não 30 (34.48%) Não responde 0
	Tranquilidade para os familiares	Sim 67 (77.01%) Não 7 (8.05%) Não responde 13 (14.94%)
Utilização do aparelho de Teleassistência	Sente dificuldades na sua utilização	Sim 4 (4.60%) Não 82 (94.25%) Não responde 1 (1.15%)
	Traz regularmente consigo o aparelho	Sim 71 (81.61%) Não 15 (17.24%) Não responde 1 (1.15%)
	Pressiona o botão do aparelho para testar o seu funcionamento	Sim 44 (50.57%) Não 43 (49.43%) Não responde 0

Relativamente à *perceção de benefícios da teleassistência* a maioria refere ser um recurso que lhe proporciona segurança/tranquilidade (98.85%) e companhia (96.55%). De igual modo possibilita o diálogo com os técnicos quando se sente só (65.52%), sendo este um indicador estatisticamente significativo quando se compara o viver sozinho e o co-residir com familiares [$\chi^2_{(1)} = 6.309, p = 0.012$]. Também 77.01% da amostra considera que a teleassistência garante tranquilidade aos familiares, embora 8.05% teça uma opinião contrária e 14.94% opte por não responder.

Quanto à *utilização do aparelho da teleassistência*, a maioria admite não sentir dificuldade na sua utilização (94.25%) e acompanhar-se regularmente do aparelho (81.61%). Curiosamente 50.57% dos participantes costumam pressionar o botão de emergência para verificar o seu funcionamento, havendo diferenças significativas em função do nível de escolaridade [$\chi^2_{(2)} = 10.252, p = 0.004$]. Quanto mais elevado é o nível de escolaridade maior é a tendência do idoso para testar o funcionamento do aparelho.

Considerações finais

Em Portugal escasseia investigação sobre a percepção do idoso face à teleassistência. Não é propósito deste estudo a generalização dos resultados, no entanto, considera-se indispensável tecer algumas considerações. Relativamente ao perfil sociodemográfico destaca-se o predomínio do género feminino, a idade elevada, o morar sozinho e a elevada escolaridade, aspetos de certo modo já reiterados pela literatura (Camargos et al., 2011). Das categorias pre-estabelecidas ressalta: (i) à semelhança de outros trabalhos que a teleassistência melhora a segurança/ tranquilidade estimada pelo idoso em si mesmo (Giraldo-Rodríguez et al., 2013) e nos seus familiares; (ii) que o estado civil, independentemente do género, exerce influência na tomada de decisão quanto à utilização da teleassistência na pessoa idosa; (iii) que a pessoa idosa com maior escolaridade manifesta uma maior tendência para testar o funcionamento do aparelho. Reforça-se, assim, a necessidade de desenvolver mais investigações que potenciem o conhecimento dos séniores que usufruem da teleassistência no domicílio.